

Redes Alimentares Alternativas na literatura brasileira: uma análise sistematizada das teses e dissertações do Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES à luz da Nova Sociologia Econômica

Alternative Food Networks in Brazilian Academic Literature: A Systematic Analysis of the CAPES Theses and Dissertations Catalog from the Perspective of New Economic Sociology

Letícia de Souza Amaral

Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, RN, Brasil

Flavia Muradas Bulhões

Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, Encantado, RS, Brasil

Leonardo Alvim Beroldt da Silva

Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, São Francisco de Paula, RS, Brasil

Washington José de Sousa

Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, RN, Brasil

Danyelle Mestre de Souza

Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, RN, Brasil

GT 10 - Abastecimento, segurança alimentar e nutricional e dinâmicas de consumo

Resumo: Este artigo analisa como a produção científica brasileira sobre Redes Alimentares Alternativas, registrada no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, interpreta esses arranjos à luz da Nova Sociologia Econômica. Trata-se de um estudo qualitativo de caráter exploratório, baseado em revisão sistematizada de dezesseis teses e dissertações selecionadas por meio do descritor “Redes Alimentares Alternativas”. O corpus textual foi composto pelos resumos das pesquisas e analisado com auxílio do software IRAMUTEQ, utilizando-se os procedimentos de Classificação Hierárquica Descendente (CHD) e Análise Fatorial de Correspondência (AFC). Os resultados evidenciam que a literatura nacional interpreta as Redes Alimentares Alternativas como mercados socialmente enraizados, territorialmente institucionalizados e culturalmente qualificados, estruturados pela proximidade entre produtores e consumidores, pela centralidade da agricultura familiar e pela valorização de circuitos curtos de comercialização. A análise lexical revelou seis classes temáticas relativamente equilibradas e três eixos interpretativos estruturantes: o enraizamento relacional das práticas econômicas, a institucionalização territorial dos circuitos alimentares e a qualificação simbólica do consumo alimentar. Conclui-se que a Nova Sociologia Econômica constitui um referencial analítico consistente para compreender a organização socioterritorial desses mercados e os processos contemporâneos de reterritorialização dos sistemas agroalimentares no contexto brasileiro.

Palavras-chave: Redes Alimentares Alternativas, Nova Sociologia Econômica, agricultura familiar.

Abstract: This article analyzes how Brazilian academic production on Alternative Food Networks, identified in the CAPES Theses and Dissertations Catalog, interprets these arrangements from the perspective of New Economic Sociology. The study adopts a qualitative and exploratory approach based on a systematic review of sixteen theses and dissertations selected using the descriptor “Alternative Food Networks.” The textual corpus consisted of the abstracts of these studies and was examined using IRAMUTEQ software through Descending Hierarchical Classification (DHC) and Correspondence Factor Analysis (CFA). The results show that Brazilian literature interprets Alternative Food Networks as socially embedded, territorially institutionalized, and culturally qualified markets structured around proximity between producers and consumers, the central role of family farming, and the strengthening of short food supply chains. The lexical analysis revealed six relatively balanced thematic classes and three main interpretative axes: relational embeddedness of economic practices, territorial institutionalization of food circuits, and symbolic qualification of food consumption. The findings indicate that New Economic Sociology provides a consistent analytical framework for understanding the socio-territorial organization of these markets and contemporary processes of reterritorialization of agri-food systems in Brazil.

Keywords: Alternative Food Networks, New Economic Sociology, family farming.

1. Introdução

Ao longo do século XX, a modernização agrícola promoveu expressivos ganhos de produtividade, impulsionados por inovações tecnológicas, melhoramento genético e uso intensivo de insumos industriais. A produção mundial de cereais, por exemplo, duplicou em poucas décadas. Contudo, esse processo esteve associado a impactos socioambientais significativos, como degradação dos solos, contaminação de recursos hídricos, erosão da biodiversidade e crescente dependência energética dos sistemas produtivos, além de recorrentes crises relacionadas à qualidade e à segurança alimentar (Ploeg, 2004).

Nesse contexto, emergem críticas ao paradigma produtivista da agricultura moderna e ganham relevância abordagens orientadas pela sustentabilidade, pela valorização dos territórios e pela reconfiguração das relações entre produção e consumo alimentar. Esse movimento tem sido interpretado como parte de um processo mais amplo de transição no desenvolvimento rural, caracterizado pela construção de novos arranjos socioprodutivos e institucionais voltados à reorganização dos sistemas agroalimentares (Marsden, 2004; Ploeg, 2004). Entre essas iniciativas, destacam-se as Redes Alimentares Alternativas (RAAs), entendidas como formas de articulação entre produtores, consumidores e instituições que buscam diferenciar-se dos circuitos convencionais por meio da valorização da proximidade social, da qualidade dos alimentos e da sustentabilidade dos processos produtivos (Goodman, 2003; Goodman; Dupuis; Goodman, 2011).

A emergência dessas redes está associada à crescente diferenciação dos mercados alimentares com base em critérios socialmente construídos de qualidade, origem e confiança, indicando a formação de circuitos econômicos territorializados que desafiam a lógica das cadeias agroindustriais longas e padronizadas (Goodman, 2012). Nesse sentido, a Nova Sociologia Econômica (NSE) oferece um referencial analítico particularmente relevante para compreender esses arranjos, ao conceber os mercados como construções sociais estruturadas por redes de relações, instituições e dispositivos simbólicos de valoração econômica (Granovetter, 1985; Fligstein, 2001; Zelizer, 1989; Swedberg, 2003; Beckert, 2010).

Apesar da crescente expansão desse campo de estudos, a produção científica brasileira sobre Redes Alimentares Alternativas permanece dispersa entre diferentes áreas disciplinares e programas de pós-graduação, o que dificulta a identificação de padrões interpretativos consolidados. Nesse sentido, torna-se relevante examinar de forma sistematizada como a

literatura nacional tem abordado essas experiências e quais dimensões analíticas têm orientado sua interpretação.

Diante disso, o presente artigo busca responder à seguinte questão de pesquisa: como a produção científica brasileira sobre Redes Alimentares Alternativas, registrada no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, interpreta esses arranjos à luz da Nova Sociologia Econômica? Para tanto, realiza-se uma revisão sistematizada baseada na análise lexical dos resumos das pesquisas identificadas, utilizando procedimentos de Classificação Hierárquica Descendente (CHD) e Análise Fatorial de Correspondência (AFC) no software IRAMUTEQ. Além desta introdução, o artigo está estruturado em quatro seções: a primeira apresenta os procedimentos metodológicos; a segunda discute as Redes Alimentares Alternativas à luz da Nova Sociologia Econômica; a terceira reúne os resultados e as discussões da análise textual; e a quarta apresenta as considerações finais.

2. Revisão da Literatura

As Redes Alimentares Alternativas (RAAs) têm sido interpretadas na literatura contemporânea como formas emergentes de reorganização dos sistemas agroalimentares que valorizam alimentos naturais, sem agrotóxicos e de qualidade, estruturados a partir da aproximação entre produção e consumo e das conexões entre agricultura, coletividade, alimentação, saúde, biodiversidade, energia e democracia (Resende; Freitas, 2019). Essas redes expressam alternativas ao modelo produtivista dominante, caracterizado pela padronização industrial, pelas cadeias longas de abastecimento e pela centralidade dos grandes circuitos varejistas. Nesse contexto, produtores e consumidores assumem papéis ativos na construção de sistemas alimentares mais resilientes, equitativos e sustentáveis, nos quais relações sociais diretas e territorialmente situadas constituem elementos centrais da coordenação econômica.

Sob a ótica da Nova Sociologia Econômica (NSE), essas características permitem interpretar as RAAs como mercados socialmente construídos, estruturados por redes de relações, instituições territoriais e dispositivos simbólicos de qualificação econômica. A contribuição de Mark Granovetter (1985) é particularmente relevante nesse sentido, ao demonstrar que a ação econômica está enraizada em relações sociais concretas. Nas RAAs, esse enraizamento manifesta-se na proximidade entre produtores e consumidores, na circulação de informações baseadas em confiança e reputação e na mediação exercida por associações, cooperativas e organizações territoriais. Assim, a coordenação econômica não se realiza

exclusivamente por mecanismos de preços, mas por interações sociais recorrentes que estabilizam expectativas e reduzem incertezas.

Essa dimensão relacional é reforçada pela interpretação de Harrison White (2001), para quem os mercados devem ser compreendidos como estruturas de posições sociais organizadas por redes de observação mútua entre produtores. No caso das RAAs, essa dinâmica é visível na constituição de circuitos curtos de comercialização, nos quais agricultores familiares ajustam práticas produtivas, padrões de qualidade e estratégias de diferenciação a partir de interações horizontais com outros produtores e com consumidores locais. Dessa forma, os mercados alimentares alternativos configuram-se como arenas relacionais nas quais a coordenação econômica depende da construção coletiva de identidades produtivas e reputações territoriais.

Além da dimensão relacional, as RAAs incorporam processos de qualificação simbólica dos alimentos, aspecto central na interpretação proposta por Viviana Zelizer (1989). Conforme essa perspectiva, os bens econômicos circulam acompanhados de classificações culturais que orientam sua valoração social. Nas redes alimentares alternativas, atributos como alimento orgânico, produção artesanal, origem territorial, sustentabilidade ambiental e justiça social constituem dispositivos de qualificação econômica que estruturam nichos de mercado específicos. A chamada “virada da qualidade” associada às RAAs, vinculada a preocupações com segurança alimentar, epidemia da obesidade, valor culinário e externalidades socioambientais da agricultura convencional, evidencia que o consumo alimentar assume papel ativo na organização desses mercados.

Nesse sentido, Alternative Food Networks (AFN), conforme discutido por Souza e Caldas (2018), definem-se em oposição ao comércio massivo realizado por supermercados e hipermercados, abrangendo formas diversificadas de comercialização como feiras, vendas diretas, mercados institucionais, bodegas, lojas especializadas em produtos orgânicos e restaurantes populares. Essas formas alternativas expressam processos de realocação, reespacialização e reconexão entre produção e consumo alimentar (Renting; Marsden; Banks, 2003), constituindo estratégias de reorganização territorial dos sistemas agroalimentares.

A dimensão institucional desses processos pode ser compreendida a partir da contribuição de Neil Fligstein (2001), que interpreta os mercados como campos organizacionais estabilizados por regras formais e informais, estruturas de poder e dispositivos regulatórios. Nas RAAs, programas de compras públicas, sistemas participativos de certificação, redes associativas e iniciativas de governança territorial constituem mecanismos institucionais fundamentais para a estabilização dessas formas alternativas de coordenação econômica. Essas

redes operam como instrumentos de engajamento cívico com o sistema alimentar, promovendo modelos de distribuição diferenciados e ampliando o protagonismo de agentes sociais ao longo da cadeia alimentar.

A literatura também enfatiza que as RAAs apresentam características estruturais específicas, como a redução da distância entre produtores e consumidores, o favorecimento de escalas produtivas reduzidas, o uso de métodos biológicos ou artesanais e o fortalecimento de compromissos sociais e ambientais em torno da produção alimentar (Gazolla; Schneider, 2017). Essas características reforçam a interpretação das redes alternativas como formas territorializadas de coordenação econômica que articulam dimensões produtivas, institucionais e culturais.

A centralidade da agricultura familiar nesse processo é amplamente reconhecida. Conforme Darolt et al. (2016), essas redes promovem cooperação social entre produtores e consumidores, dinamizam mercados locais com identidade territorial e valorizam produtos diferenciados, especialmente aqueles de base ecológica. No contexto brasileiro, tais iniciativas contribuíram para a reinserção econômica de agricultores familiares excluídos durante o processo de modernização agrícola (Wilkinson, 2008), favorecendo a construção de novas sociabilidades baseadas em confiança, reputação e solidariedade (Perez-Cassarino, 2013). Essa dimensão é reforçada pela interpretação de Ploeg (2008), segundo a qual a heterogeneidade das práticas camponesas constitui elemento fundamental de resistência frente à expansão dos impérios alimentares globalizados.

Do ponto de vista econômico, entretanto, a sustentabilidade dessas redes depende de sua capacidade de gerar retorno financeiro compatível com os custos envolvidos em práticas produtivas alternativas. Conforme argumentam Renting, Marsden e Banks (2003), sem atingir determinado patamar de comercialização, as iniciativas podem enfrentar dificuldades estruturais decorrentes das exigências regulatórias e dos custos de produção diferenciada. Ainda assim, quando conseguem estabilizar suas bases econômicas, as RAAs produzem impactos positivos na organização territorial dos sistemas alimentares e na construção de mercados socialmente legitimados.

A dimensão sociocultural do consumo constitui outro elemento central dessas redes. Consumidores inseridos em circuitos curtos tendem a associar qualidade alimentar à proximidade social e espacial com os produtores, deslocando o foco dos critérios normativos tradicionais para formas de confiança territorializada (Scarabelot; Schneider, 2012). Como destacam Rossi et al. (2017), as escolhas alimentares são influenciadas por valores culturais,

redes sociais, contextos institucionais e infraestruturas locais, indicando que o consumo constitui dimensão ativa da coordenação econômica nos mercados alimentares alternativos.

Essa perspectiva converge com a interpretação de Richard Swedberg (2009), segundo a qual os mercados dependem de estruturas institucionais e normativas que orientam o comportamento dos atores. Nas RAAs, feiras locais, circuitos curtos de comercialização, redes associativas e mercados institucionais operam como dispositivos organizacionais que reduzem assimetrias informacionais e fortalecem vínculos sociais entre produtores e consumidores.

Embora frequentemente associadas a benefícios sociais e ambientais, essas redes também apresentam tensões internas relacionadas a questões de inclusão social, equidade e sustentabilidade. Nesse sentido, a distinção entre sistemas convencionais e alternativos, conforme sugerem Maye e Kirwan (2011), não deve ser compreendida como oposição rígida, mas como referência analítica que permite identificar diferentes racionalidades de organização dos sistemas alimentares.

Consideradas em conjunto, essas contribuições permitem interpretar as Redes Alimentares Alternativas como mercados socialmente enraizados, institucionalmente estruturados e culturalmente qualificados, nos quais a coordenação econômica depende da articulação entre redes sociais, dispositivos organizacionais e critérios simbólicos de valoração alimentar. A Nova Sociologia Econômica oferece, portanto, um referencial analítico particularmente adequado para compreender os processos contemporâneos de realocação, reconexão e reterritorialização dos sistemas agroalimentares, evidenciando o papel estratégico das RAAs na construção de formas alternativas de organização mercantil baseadas na proximidade social, na cooperação institucional e na legitimidade socioambiental.

3. Metodologia

O presente artigo caracteriza-se como um estudo qualitativo, de natureza exploratória e analítica, orientado pela perspectiva da Nova Sociologia Econômica (NSE), cujo objetivo consiste em examinar como a produção científica brasileira tem abordado as Redes Alimentares Alternativas (RAAs) no âmbito das teses e dissertações disponíveis no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES. A estratégia metodológica baseou-se em procedimentos sistematizados de levantamento bibliográfico, organização do corpus textual e análise lexical com auxílio do software IRAMUTEQ.

A etapa inicial da pesquisa consistiu na realização de uma busca sistemática no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, utilizando como descritor o termo “Redes Alimentares

Alternativas”, amplamente empregado na literatura acadêmica nacional para designar arranjos socioterritoriais de produção, circulação e consumo alimentar diferenciados das cadeias agroindustriais convencionais. A escolha dessa base justifica-se por sua abrangência nacional e por reunir a produção acadêmica stricto sensu desenvolvida nos programas de pós-graduação brasileiros, permitindo identificar tendências analíticas consolidadas e emergentes sobre o tema. A busca resultou inicialmente na identificação de vinte trabalhos acadêmicos.

Após a etapa de levantamento, procedeu-se à aplicação de critérios de seleção do material empírico. Embora a análise lexical tenha sido realizada exclusivamente com base nos resumos das pesquisas selecionadas, procedeu-se previamente à leitura exploratória dos textos completos com o objetivo de verificar sua aderência temática ao campo das Redes Alimentares Alternativas. Essa etapa permitiu confirmar a centralidade do conceito nas investigações analisadas e assegurar maior consistência interpretativa ao corpus textual. Foram excluídos três trabalhos que não apresentavam aderência temática ao campo das Redes Alimentares Alternativas. Uma tese foi excluída por estar redigida integralmente em língua inglesa, embora apresentasse resumo em português, considerando-se a opção metodológica por analisar a produção científica nacional expressa em língua portuguesa e garantir homogeneidade conceitual e terminológica do corpus submetido à análise lexical. Dessa forma, o corpus final foi composto por dezesseis teses e dissertações.

Na sequência, realizou-se a construção do corpus a partir dos resumos das produções selecionadas, considerando sua função sintética de apresentação dos objetivos, referenciais teóricos, procedimentos metodológicos e principais resultados das pesquisas. A análise textual foi realizada com o auxílio do software IRAMUTEQ, empregando-se a Classificação Hierárquica Descendente (CHD), técnica baseada na segmentação do corpus em unidades de contexto elementares e na identificação de classes lexicais organizadas segundo a concorrência estatística das palavras. Complementarmente, foi realizada Análise Fatorial de Correspondência (AFC), que permitiu visualizar as proximidades semânticas entre os campos lexicais identificados e evidenciar relações estruturais entre os diferentes núcleos temáticos do corpus (CAMARGO; JUSTO, 2013).

A interpretação dos resultados seguiu orientação teórico-analítica fundamentada na Nova Sociologia Econômica, especialmente nas contribuições de Granovetter (1985), Fligstein (2001), Zelizer (1994), Swedberg (2003) e Beckert (2010), permitindo analisar as Redes Alimentares Alternativas como arranjos socioterritoriais de coordenação econômica estruturados por redes sociais, dispositivos institucionais e mecanismos simbólicos de

valoração. Dessa forma, a estratégia metodológica combinou levantamento sistematizado da produção acadêmica nacional, análise lexical automatizada e interpretação sociológica orientada pela NSE, possibilitando identificar padrões discursivos recorrentes e eixos analíticos predominantes na literatura brasileira sobre Redes Alimentares Alternativas.

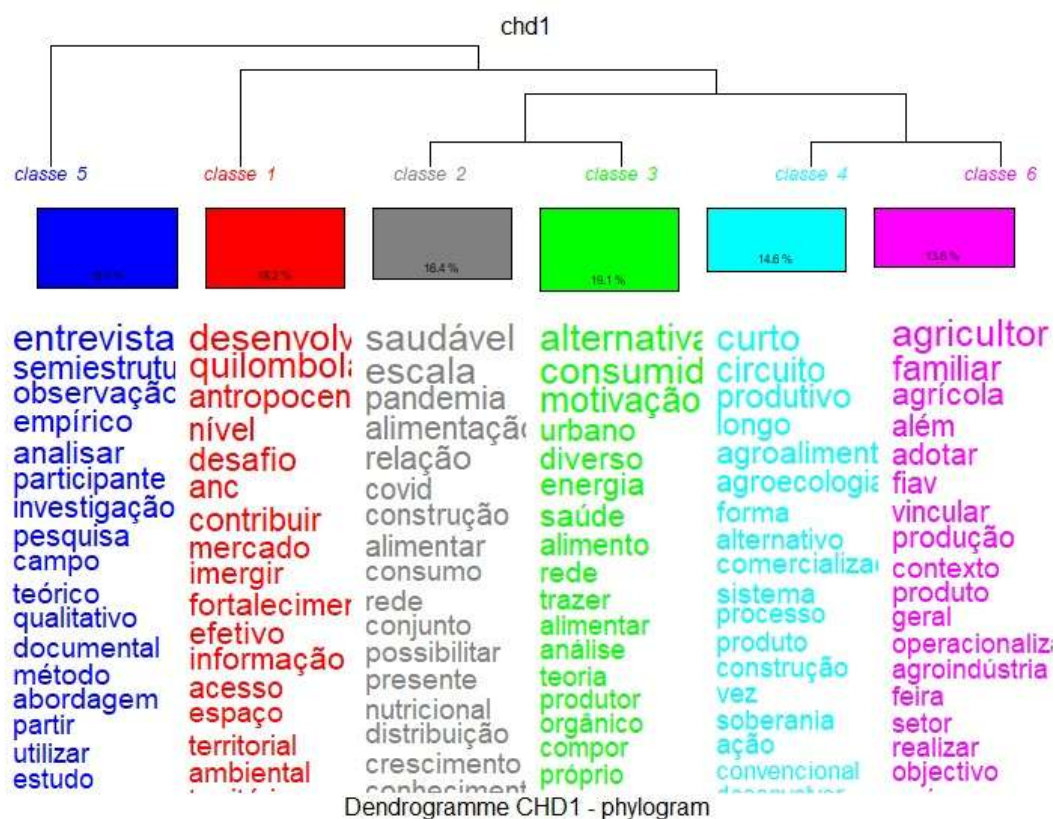
4. Resultados e Discussão dos Resultados

a) Redes Alimentares: Núcleos estruturantes e evidências da CHD

A Classificação Hierárquica Descendente (CHD) apresentada no dendrograma organiza o corpus dos resumos de teses e dissertações sobre Redes Alimentares Alternativas (RAAs) em seis classes lexicais relativamente equilibradas. A nomeação das classes respeitou rigorosamente os núcleos semânticos dominantes observados nos vocábulos com maior frequência e associação estatística — sem extrapolações analíticas além do que o próprio dendrograma sustenta.

A análise das seis classes lexicais do dendrograma à luz da Nova Sociologia Econômica (NSE) permite interpretar a literatura brasileira sobre Redes Alimentares Alternativas (RAAs) não apenas como um conjunto temático heterogêneo, mas como um campo estruturado por mecanismos sociológicos de coordenação de mercados territorializados. Em termos analíticos, cada classe corresponde a uma dimensão específica da construção social desses mercados: redes sociais, instituições, dispositivos de qualificação, estruturas organizacionais e arenas de disputa simbólica.

Figura 1: Estrutura lexical das Redes Alimentares Alternativas identificada pela Classificação Hierárquica Descendente (CHD)



Fonte: elaboração dos autores com base nos dados levantados.

A Classe 5 (18,2%) – “Abordagens qualitativas e reconstrução relacional dos mercados alimentares alternativos” evidencia a centralidade de termos como entrevista semiestruturada, observação participante, pesquisa de campo, abordagem qualitativa e investigação empírica, indicando que a produção científica privilegia estratégias metodológicas voltadas à compreensão das interações sociais concretas que estruturam os circuitos alimentares alternativos. Esse padrão metodológico revela que os estudos analisados tratam produtores, consumidores, organizações intermediárias e instituições públicas como atores inseridos em redes sociais territorializadas. Sob a perspectiva da NSE, essa orientação empírica confirma que a ação econômica está socialmente enraizada em relações concretas de confiança, reciprocidade e reputação (Granovetter, 1985; Swedberg, 2003; Beckert, 2010). Assim, a predominância desses termos metodológicos no corpus indica que as RAAs são interpretadas como configurações sociais situadas e não como simples mecanismos logísticos de comercialização.

A Classe 1 (18,2%) – “Territorialização socioambiental e institucional dos mercados alimentares alternativos” reúne vocábulos como quilombola, territorial, ambiental, antropoceno, acesso e fortalecer, evidenciando que parte significativa da literatura interpreta as

redes alimentares alternativas como dispositivos de reorganização territorial dos sistemas alimentares. A presença da categoria quilombola indica que esses mercados são analisados como espaços de reconhecimento social e valorização cultural de identidades coletivas, enquanto os termos territorial e ambiental reforçam sua inserção em debates sobre sustentabilidade e gestão de recursos locais. A referência ao antropoceno sugere que essas redes são compreendidas como respostas normativas às externalidades socioambientais do regime agroalimentar industrial. Na perspectiva da NSE, esses elementos indicam que os mercados são estruturados por regras institucionais territorialmente situadas que definem posições sociais e possibilidades de ação dos atores (Fligstein, 2001).

A Classe 2 (16,4%) – “Resiliência das redes alimentares territorializadas em contextos de crise sistêmica” articula termos como pandemia, covid, alimentação, consumo, distribuição, rede e nutricional, indicando que a literatura recente passou a interpretar as RAAs como infraestruturas sociais de reorganização do abastecimento alimentar em contextos de ruptura sistêmica. A presença simultânea dos termos distribuição e rede evidencia a importância das estruturas territoriais de circulação alimentar durante a crise sanitária, enquanto a associação com consumo e nutricional revela a preocupação com a segurança alimentar em escala local. Sob a ótica da NSE, esses resultados indicam que mercados territorializados operam como mecanismos de estabilização das expectativas econômicas em contextos de incerteza (Beckert, 2009), reforçando a capacidade adaptativa das redes alimentares alternativas diante da fragilidade das cadeias longas de abastecimento.

A Classe 3 (19,1%) – “Construção social do consumo e valoração simbólica dos alimentos alternativos” apresenta o maior percentual do corpus e reúne vocábulos como consumidor, urbano, motivação, saúde, orgânico, alimento e produtor, evidenciando a centralidade das práticas de consumo na organização dos mercados alimentares alternativos. A associação entre consumidor urbano e atributos como saúde e orgânico indica que a literatura interpreta o consumo como um mecanismo ativo de qualificação econômica dos produtos. Nesse sentido, a relação direta entre produtor e consumidor sugere a substituição parcial de mecanismos impessoais de coordenação por interações baseadas em confiança e reconhecimento social. Conforme argumenta Zelizer (1994), os mercados são atravessados por classificações culturais que atribuem significados diferenciados aos bens econômicos, enquanto Beckert (2010) demonstra que a valoração depende da construção social de expectativas compartilhadas sobre qualidade e legitimidade.

A Classe 4 (14,6%) – “Circuitos curtos e reorganização sociopolítica da coordenação agroalimentar” concentra termos como circuito, produtivo, agroalimentar, agroecológico, comercialização, sistema e soberania, indicando que a literatura interpreta as redes alimentares alternativas como arranjos organizacionais baseados no encurtamento das cadeias de abastecimento. A recorrência do termo agroecológico evidencia a associação entre circuitos curtos e práticas sustentáveis de produção, enquanto a presença de soberania sugere a articulação dessas redes com projetos políticos de autonomia territorial. Sob a perspectiva da NSE, os circuitos produtivos territorializados substituem mecanismos impessoais de mercado por relações baseadas em proximidade social e confiança relacional (Granovetter, 1985), configurando formas híbridas de coordenação econômica.

A Classe 6 (13,6%) – “Agricultura familiar e infraestruturas organizacionais dos mercados alternativos” reúne termos como agricultor familiar, produção, feira, agroindústria, produto, setor e operacionalização, evidenciando que a agricultura familiar constitui a base socioprodutiva das redes alimentares alternativas identificadas no corpus. A presença das categorias feira e agroindústria indica que essas estruturas funcionam como arenas institucionais de estabilização das trocas econômicas, enquanto os termos produção e produto reforçam sua centralidade na organização dos fluxos alimentares territorializados. Na perspectiva da NSE, essas infraestruturas organizacionais reduzem assimetrias informacionais e fortalecem vínculos sociais entre os atores econômicos (Fligstein, 2001), consolidando a agricultura familiar como elemento estruturante desses mercados.

Consideradas conjuntamente, as seis classes revelam que a produção científica brasileira sobre redes alimentares alternativas interpreta esses arranjos como mercados socialmente enraizados, institucionalmente estruturados e culturalmente qualificados. Observado sob a perspectiva da Nova Sociologia Econômica, o dendrograma evidencia três eixos estruturantes da construção social desses mercados: o enraizamento relacional das práticas econômicas, a institucionalização territorial dos circuitos alimentares e a qualificação simbólica do consumo.

O primeiro eixo corresponde ao enraizamento relacional das trocas econômicas, evidenciado sobretudo pela recorrência de termos metodológicos como entrevista semiestruturada, observação participante e pesquisa de campo, característicos da Classe 5 – Abordagens qualitativas e reconstrução relacional dos mercados alimentares alternativos, indicando que a literatura trata as RAAs como configurações sociais situadas (Granovetter, 1985).

O segundo eixo refere-se à institucionalização territorial dos mercados alimentares, articulando vocábulos como territorial, quilombola, agroecológico, circuito, feira e agricultor familiar, característicos das Classes 1, 4 e 6, evidenciando que a literatura interpreta as RAAs como campos organizacionais estruturados por regras territorialmente situadas (Fligstein, 2001).

O terceiro eixo corresponde à qualificação social do consumo alimentar, representado por termos como consumidor urbano, saúde, orgânico, pandemia e nutricional, presentes nas Classes 2 e 3, indicando que práticas de valoração simbólica estruturam expectativas econômicas compartilhadas nesses mercados (Zelizer, 1994; Beckert, 2010).

Dessa forma, o dendrograma sugere que a literatura brasileira sobre redes alimentares alternativas não interpreta esses arranjos apenas como estratégias técnicas de comercialização, mas como configurações sociopolíticas e territoriais que reorganizam simultaneamente a produção, a circulação e o consumo alimentar, confirmando a pertinência analítica da Nova Sociologia Econômica para compreender os processos contemporâneos de reterritorialização dos sistemas alimentares.

b) Relação entre núcleos de sentido: resultados da AFC

A fim de aprofundar a interpretação da estrutura relacional do corpus lexical identificado na Classificação Hierárquica Descendente, realizou-se uma Análise Fatorial de Correspondência (AFC), técnica que permite visualizar as proximidades semânticas entre os vocábulos e identificar os principais eixos de organização do campo discursivo analisado. Diferentemente do dendrograma, que evidencia classes lexicais relativamente autônomas, a AFC possibilita compreender como essas classes se articulam entre si no interior de um espaço semântico comum, revelando tensões, aproximações e polarizações interpretativas presentes na literatura brasileira sobre Redes Alimentares Alternativas. Assim, o plano fatorial apresentado a seguir sintetiza os dois eixos principais de variabilidade do corpus, permitindo identificar as dimensões estruturantes da produção científica analisada à luz da Nova Sociologia Econômica, especialmente no que se refere aos processos de enraizamento relacional das práticas econômicas, institucionalização territorial dos mercados e qualificação sociocultural do consumo alimentar.

Dissertações da CAPES



Fonte: elaboração dos autores com base nos dados levantados.

No eixo horizontal (Fator 1), observa-se uma oposição clara entre, de um lado, um polo metodológico-analítico e, de outro, um polo socioprodutivo-territorial. À direita do plano fatorial concentram-se termos como entrevista, semiestruturadas, observação, participante, investigação, documental, método, analisar e qualitativo, indicando a centralidade das estratégias empíricas de reconstrução das interações sociais na literatura analisada. Esse agrupamento lexical revela que os estudos sobre RAAs são predominantemente orientados por abordagens qualitativas voltadas à compreensão das dinâmicas relacionais entre atores sociais, confirmando a aderência epistemológica do campo à tradição relacional da Nova Sociologia

Econômica (Granovetter, 1985; Swedberg, 2003). Nessa perspectiva, a investigação empírica aparece como instrumento fundamental para captar os mecanismos de confiança, reciprocidade e coordenação social que estruturam mercados territorializados.

No extremo oposto desse eixo, posicionam-se termos como agricultor, familiar, produtivo, agroalimentares, escala, saudável, alternativa, circuito, agrícola e curto, indicando a centralidade da agricultura familiar e dos circuitos curtos de comercialização na organização temática do corpus. Esse agrupamento evidencia que a literatura interpreta as RAAs como arranjos socioprodutivos territorializados baseados na reconfiguração das relações entre produção, circulação e consumo alimentar. À luz da Nova Sociologia Econômica, essa polarização indica que os mercados alternativos são analisados simultaneamente como estruturas organizacionais e como configurações relacionais, nas quais a coordenação econômica depende da proximidade social e territorial entre os atores (Fligstein, 2001; Beckert, 2010).

O eixo vertical (Fator 2), por sua vez, evidencia uma segunda clivagem interpretativa relevante, separando um polo de institucionalização territorial e socioambiental, localizado na parte superior do plano fatorial, de um polo de práticas de consumo e mediação sociocultural, localizado na parte inferior. Na região superior concentram-se termos como desenvolvimento, quilombola, antropoceno, território, informação, acesso, fortalecimento e desafio, indicando que parte significativa da literatura interpreta as RAAs como instrumentos de reorganização territorial dos sistemas alimentares e de enfrentamento das externalidades socioambientais associadas ao regime agroalimentar industrial. A presença do termo quilombola sugere ainda que essas redes são analisadas como espaços de reconhecimento social e valorização de identidades coletivas, reforçando a dimensão política da territorialização dos mercados alimentares. Sob a perspectiva da Nova Sociologia Econômica, esse conjunto lexical evidencia que os mercados são arenas institucionalmente estruturadas nas quais regras, identidades e recursos territoriais influenciam diretamente as possibilidades de ação dos atores econômicos (Fligstein, 2001).

Na porção inferior do plano fatorial, destacam-se termos como consumidor, consumo, motivações, urbano, vínculo, acordar, forma, relação e energia, evidenciando a centralidade das práticas de consumo na estruturação das redes alimentares alternativas. Esse agrupamento lexical indica que a literatura atribui papel ativo aos consumidores na organização desses mercados, especialmente por meio da valorização de atributos como saúde, proximidade territorial e sustentabilidade. Na tradição da sociologia econômica cultural, essa dimensão

corresponde aos processos de qualificação simbólica dos bens econômicos, nos quais classificações morais e culturais orientam decisões de compra e estruturam nichos de mercado específicos (Zelizer, 1994; Beckert, 2010).

A posição intermediária ocupada por termos como mercado, ambiental, local, industrial, econômico e território sugere a existência de uma zona de interseção semântica entre as dimensões produtivas, institucionais e culturais das redes alimentares alternativas. Essa região do plano fatorial evidencia que a literatura analisada não trata as RAAs apenas como circuitos econômicos alternativos, mas como arenas híbridas de coordenação socioterritorial nas quais se articulam simultaneamente práticas produtivas, dispositivos institucionais e critérios simbólicos de valoração alimentar.

Interpretada à luz da Nova Sociologia Econômica, a estrutura relacional evidenciada pela AFC revela que a produção científica brasileira sobre redes alimentares alternativas se organiza em torno de três eixos sociológicos principais: a reconstrução empírica das interações sociais que sustentam os mercados; a institucionalização territorial das formas de coordenação econômica; e a qualificação simbólica das práticas de consumo alimentar. Esses três eixos correspondem, respectivamente, às dimensões de embeddedness relacional (Granovetter, 1985), estabilização institucional dos campos de mercado (Fligstein, 2001) e construção cultural da valoração econômica (Zelizer, 1994; Beckert, 2009).

Assim, a AFC confirma que a literatura nacional interpreta as redes alimentares alternativas como mercados socialmente enraizados, territorialmente institucionalizados e culturalmente qualificados, evidenciando a pertinência analítica da Nova Sociologia Econômica para compreender os processos contemporâneos de reterritorialização dos sistemas agroalimentares e a consolidação de formas alternativas de coordenação econômica baseadas na proximidade social, na legitimidade ambiental e na cooperação institucional.

5. Considerações finais

O presente artigo analisou como a produção científica brasileira sobre Redes Alimentares Alternativas, registrada no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, interpreta esses arranjos à luz da Nova Sociologia Econômica. A partir de uma revisão sistematizada de dezesseis trabalhos e da aplicação de técnicas de análise lexical por meio do software IRAMUTEQ, foram identificados padrões interpretativos recorrentes e dimensões estruturantes da literatura nacional sobre o tema.

Os resultados indicam que as Redes Alimentares Alternativas têm sido compreendidas predominantemente como arranjos socioterritoriais de coordenação econômica baseados na proximidade entre produtores e consumidores, na centralidade da agricultura familiar e na valorização de circuitos curtos de comercialização. A Classificação Hierárquica Descendente evidenciou seis classes lexicais relativamente equilibradas, enquanto a Análise Fatorial de Correspondência permitiu identificar três eixos interpretativos estruturantes: o enraizamento relacional das práticas econômicas, a institucionalização territorial dos circuitos alimentares e a qualificação simbólica do consumo alimentar.

À luz da Nova Sociologia Econômica, esses resultados confirmam que as Redes Alimentares Alternativas são tratadas na literatura nacional não apenas como estratégias técnicas de comercialização, mas como mercados socialmente construídos, estruturados por redes de relações, dispositivos institucionais e critérios socioculturais de valoração econômica. Destaca-se, ainda, a associação dessas redes a processos de reorganização territorial dos sistemas alimentares, especialmente em contextos marcados por desafios socioambientais e pela busca de maior resiliência dos sistemas locais de abastecimento.

Do ponto de vista metodológico, a predominância de abordagens qualitativas evidencia a centralidade da análise das interações sociais e das dinâmicas territoriais na compreensão desses mercados, reforçando o caráter relacional das Redes Alimentares Alternativas. Ao mesmo tempo, o recorte adotado — restrito ao Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES e aos resumos das pesquisas — constitui uma limitação do estudo, na medida em que não contempla outras formas de produção científica relevantes para o campo.

Como agenda de pesquisa futura, recomenda-se a ampliação do escopo documental para incluir periódicos científicos nacionais e internacionais, bem como a realização de estudos comparativos entre diferentes contextos regionais de desenvolvimento das Redes Alimentares Alternativas no Brasil. Também se destaca a importância de investigações que aprofundem a análise dos mecanismos institucionais e das políticas públicas que contribuem para a consolidação desses mercados territorializados.

Referências

ANJOS, Flávio Sacco dos; CALDAS, Nádia Velleda. A dinâmica dos canais curtos de comercialização: o caso do Projeto Campagna Amica na Itália. **Sociedade e Estado**, v. 32, p. 771–792, 2017.

BECKERT, Jens. How do fields change? The interrelations of institutions, networks, and cognition in the dynamics of markets. **Organization Studies**, v. 31, n. 5, p. 605–627, 2010.

BUQUERA, Rodrigo Brezolin. **Consumidores de alimentos orgânicos, suas motivações e relações com o mercado na região de Sorocaba/SP**. 2021. 183 f. Tese (Doutorado em Ecologia Aplicada) – Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”, Centro de Energia Nuclear na Agricultura, Universidade de São Paulo, Piracicaba, 2021.

CAMARGO, Brígido Vizeu; JUSTO, Ana Maria. Tutorial para uso do software de análise textual IRAMUTEQ. **Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina**, p. 1-18, 2013.

CAMILO, Guilherme Antonio Poscidonio Vieira. **Agroecologia e circuitos de comercialização: agricultores da Central das Associações de Produtores Orgânicos do Sul de Minas**. 2021. 134 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Rio Claro, 2021.

CHEUNG, Natália Kwok Yee. **Redes alimentares alternativas na metrópole de São Paulo: movimentos de proximidade entre agricultores e consumidores em tempos de pandemia**. 2022. 96 f. Dissertação (Mestrado em Agroecologia e Desenvolvimento Rural) – Universidade Federal de São Carlos, Araras, 2022.

COSTA, Breno Giordane dos Santos. **Agricultores do asfalto: consumo alimentar, práticas sociais e caminhos para transformações de vida**. 2019. Dissertação (Mestrado em Administração) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.

DAROLT, Moacir Roberto et al. Alternative food networks and new producer-consumer relations in France and in Brazil. **Ambiente & Sociedade**, v. 19, n. 2, p. 1–22, 2016.

FLIGSTEIN, Neil. Social skill and the theory of fields. **Sociological Theory**, v. 19, n. 2, p. 105–125, 2001.

FURTADO, Ariandeny Silva de Souza. **Feira Interinstitucional Agroecológica no bioma Cerrado: construção colaborativa, soberania alimentar e redes agroalimentares alternativas**. 2022. Tese (Doutorado em Ciências Ambientais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2022.

GAZOLLA, Marcio; SCHNEIDER, Sergio. **Cadeias curtas e redes agroalimentares alternativas: negócios e mercados da agricultura familiar**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2017.

GEWEHR, Bruna. **Qualidade lupulada: o significado de artesanal na rede cervejeira gaúcha**. 2019. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

GOODMAN, David. The quality “turn” and alternative food practices: reflections and agenda. **Journal of Rural Studies**, v. 19, p. 1–7, 2003.

GOODMAN, David; DUPUIS, E. Melanie; GOODMAN, Michael K. **Alternative food networks: knowledge, practice and politics**. New York: Routledge, 2011.

GRANOVETTER, Mark. Economic action and social structure: the problem of embeddedness. **American Journal of Sociology**, v. 91, n. 3, p. 481–510, 1985.

MACHADO, Lucas Figueiredo. **Análise de energia nas redes alimentares alternativas da agricultura familiar**. 2021. Dissertação (Mestrado em Ciências Ambientais) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2021.

MARSDEN, Terry. Theorizing food quality: some key issues in understanding its competitive production regulation. In: HARVEY, Mark; McMEEKIN, Andrew; WARDE, Alan (org.). **Qualities of food**. Manchester: Manchester University Press, 2004. p. 129–155.

MAYE, Damian; KIRWAN, James. Alternative food networks: a review of research. In: PLEYERS, Geoffrey (ed.). **Grassroots movements for alternative, convivial and local consumption**. Paris: Desclée de Brouwer, 2011. p. 147–168.

MELO, Mayná Peixinho Moreno de. **Jovens em rede: a permanência de jovens na agricultura a partir da participação em circuitos curtos de comercialização**. 2022. 114 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2022.

MIRANDA, Raul de Almeida. **Territorialização da agroecologia em redes alimentares alternativas: estudo de caso da Comuna da Terra Irmã Alberta, no município de São Paulo/SP**. 2024. Dissertação (Mestrado em Planejamento e Gestão do Território) – Universidade Federal do ABC, São Bernardo do Campo, 2024.

MUÑOZ, Estevan Felipe Pizarro. **A construção social de mercados da agricultura familiar e camponesa no Chile e no Brasil: uma análise institucional comparada a partir das lideranças de organizações vinculadas aos movimentos sociais**. 2019. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

PEREZ-CASSARINO, Juliano; FERREIRA, Daniela. Agroecologia, construção social de mercados e a constituição de sistemas agroalimentares alternativos: uma leitura a partir da Rede Ecovida de Agroecologia. In: CARVALHO, Isabel Maria M. de; BARROS, José A. S. de; FARIA, R. T. de (org.). **Agroecologia: práticas, mercados e políticas para uma nova agricultura**. Curitiba: Kairós, 2013. p. 171–214.

PIRES, Reilly Gonçalves. **Conhecendo o perfil e as motivações para a inserção e permanência de feirantes em redes alimentares alternativas (RAAs): estudo em municípios da Campanha Gaúcha**. 2020. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020.

PLOEG, Jan Douwe van der et al. On regimes, novelties, niches and co-production. In: PLOEG, Jan Douwe van der; WISKERKE, Johannes S. C. (org.). **Seeds of transition: essays on novelty production, niches and regimes in agriculture**. Wageningen: Royal Van Gorcum, 2004. p. 1–28.

PLOEG, J. D. V. D. **Camponeses e Impérios Alimentares: Lutas por Autonomia e Sustentabilidade na Era da Globalização**. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2008. 376 p.

RENTING, Henk; MARSDEN, Terry K.; BANKS, Jo. Understanding alternative food networks: exploring the role of short food supply chains in rural development. **Environment and Planning A**, v. 35, n. 3, p. 393–411, 2003.

RESENDE, Eugênio Martins de Sá. **A construção social de redes agroalimentares agroecológicas**. 2020. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2020.

ROSSI, Adanella et al. As cadeias curtas de abastecimento na inovação dos Grupos de Aquisições Solidárias (GAS): a construção social das práticas (alimentares) sustentáveis. In: GAZOLLA, Marcio; SCHNEIDER, Sergio (org.). **Cadeias curtas e redes agroalimentares alternativas: negócios e mercados da agricultura familiar**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2017. p. 83–103.

SCARABELOT, Maristela; SCHNEIDER, Sergio. As cadeias agroalimentares curtas e desenvolvimento local: um estudo de caso no município de Nova Veneza/SC. **Revista Faz Ciência**, v. 14, n. 19, p. 101–122, 2012.

SILVA, Carla Mota dos Santos da. **Antropoceno, regime de informação e produção alimentar no Brasil: estudo de caso de uma rede alimentar alternativa urbana**. 2020. 193 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia; Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

SOUZA, Fernando Cesar de Oliveira. **Circuitos curtos de comercialização de alimentos: a conquista de territórios para agroecologia no Triângulo Mineiro**. 2021. Dissertação (Mestrado em Agroecologia e Desenvolvimento Rural) – Universidade Federal de São Carlos, Araras, 2021.

SWEDBERG, Richard. The case for an economic sociology of law. **Theory and Society**, v. 32, n. 1, p. 1–37, 2003.

TURCHETTI, Gisele Simi. **Agroindústrias familiares: um estudo de redes alimentares alternativas de Tupanciretã-RS**. 2021. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2021.

VIANA, Camila Eduarda. **A construção de mercados imersos como estratégia de desenvolvimento territorial: o caso do Quilombo Ribeirão Grande/Terra Seca – SP**. 2023. Tese (Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento) – Programa de Pós-Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2023.

WHITE, Harrison C. **Markets from networks: socioeconomic models of production**. Princeton: Princeton University Press, 2001.

WILKINSON, John. **Mercados, redes e valores: o novo mundo da agricultura familiar**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

ZELIZER, Viviana A. The social meaning of money: special monies. **American Journal of Sociology**, v. 95, n. 2, p. 342–377, 1989.